

Cyrino, S.M.L. (2004) “ O problema da experiência detonadora na mudança sintática do português brasileiro” *Estudos Lingüísticos XXXIII*, publicação em CD-ROM.

O PROBLEMA DA EXPERIÊNCIA DETONADORA NA MUDANÇA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sonia Maria Lazzarini Cyrino (UEL/CNPq)

RESUMO: David Lightfoot (1999, no prelo) assumindo que a Gramática Universal é geneticamente programada e permanece constante, explicita que uma razão pela qual os parâmetros podem mudar através da aquisição é que fatores externos à sintaxe indiretamente efetuam mudanças em certos aspectos da experiência "detonadora". Lightfoot menciona, nesse caso, uma mudança na frequência da ocorrência de uma construção em particular que serve de "dica" (*cue*) para a aquisição de um certo valor de um parâmetro. Neste trabalho, apresento as hipóteses acerca da mudança ocorrida no Português Brasileiro (PB), desenvolvidas em vários trabalhos, dentro dessa abordagem. O principal problema é determinar qual alteração nos dados do input poderia ter desencadeado certas mudanças observadas. Exemplificarei com os fatos relacionados ao preenchimento do sujeito e o esvaziamento do objeto, fenômenos apontados primeiramente em Tarallo (1983) como evidências da mudança sintática no PB.

ABSTRACT: David Lightfoot (1999, in press), assuming that Universal Grammar is genetically encoded and remains constant throughout life, claims that one reason why parameters may change through language acquisition is that external factors indirectly effect changes in certain aspects of the “triggering” experience. Lightfoot mentions, in this case, a change in the frequency of occurrence of a particular structure that serves as cue for the acquisition of the value of a parameter. In this paper, I present some hypotheses on the change which occurred in Brazilian Portuguese (BP), which were developed in several works in this framework. The main problem is to determine which alteration in the input data could have triggered certain observed changes. I will exemplify with the facts related to loss of the null subject and the emergence of the null object, phenomena that were pointed out first in Tarallo (1983) as evidence for the syntactic change in BP.

0. Introdução

Dentro do quadro teórico gerativista, as mudanças gramaticais ocorrem no processo de aquisição de linguagem. A criança constrói sua gramática a partir do que ouve (dados primários) e do que ela já traz biologicamente codificado (os princípios da Gramática Universal). A criança não tem acesso direto à gramática internalizada de seus pais; conseqüentemente, a gramática que ela desenvolve não é necessariamente a gramática deles. Muitas vezes, as estruturas que a criança ouve são compatíveis com mais do que uma análise - a criança, porém, não sabe qual delas é a "correta". Se optar pela errônea, teremos uma mudança gramatical - a gramática da criança será superficialmente semelhante à gramática de seus pais; porém, será estruturalmente diferente.

No Brasil, muitos estudos a partir dos anos 90 têm seguido essa hipótese com resultados interessantes, alguns publicados inicialmente em Roberts & Kato (1993), e

outros em desenvolvimento atualmente. Muitos deles fazem parte do Projeto Para a História do Português Brasileiro, e têm sido publicados em uma coletânea editada pela Humanitas e pela UFRJ até o momento.

Neste trabalho, apresento essa abordagem acerca da mudança sintática, e as hipóteses acerca da mudança ocorrida no PB, desenvolvidas em vários trabalhos. O principal problema é determinar qual alteração nos dados do input poderia ter desencadeado certas mudanças observadas no PB. Exemplificarei com os fatos relacionados ao preenchimento do sujeito e o esvaziamento do objeto, fenômenos apontados primeiramente em Tarallo (1983) como evidências da mudança sintática no PB.

1. A teoria da mudança diacrônica

A teoria gerativa considera a linguagem como uma capacidade geneticamente herdada no ser humano e propõe um estado mental inicial, a Gramática Universal (GU), que torna possível a aprendizagem das línguas. Chomsky (1986:3) propõe uma faculdade da linguagem geneticamente determinada, a qual se poderia pensar como sendo um “dispositivo” para a aquisição da linguagem, um componente inato da mente humana, que converte a experiência em um sistema de conhecimento: o conhecimento de uma ou outra língua com a qual se teve em contato na infância.

A partir da teoria de Princípios e Parâmetros (uma postulação de princípios inatos, invariáveis, e parâmetros sujeitos a variação entre as línguas), o estudo da mudança diacrônica tomou novo impulso. Dentro dessa abordagem, estuda-se a mudança na língua como relacionada a mudança na fixação de parâmetros, ou seja, a mudança sintática ocorre na aquisição da língua (Lightfoot, 1979).

Mais precisamente, a criança constrói sua gramática a partir do que ela ouve (dados primários) e do que ela possui de inato (os princípios da Gramática Universal, GU). A criança não tem acesso direto à gramática de seus pais (Lightfoot, 1979). Isso significa que a gramática da criança não é necessariamente a mesma que a de seus pais.

Ora, muitas vezes, as estruturas superficiais, audíveis, são compatíveis com mais de uma gramática. A criança, porém, não “sabe” qual dessas análises representa a análise “correta”, ou seja, a gramática de seus pais. Se optar pela análise “errônea”, teremos uma mudança gramatical - a gramática da criança será superficialmente semelhante à gramática de seus pais, porém, será estruturalmente diferente.

A tarefa do lingüista que estuda a mudança sintática será, então, encontrar nos dados diacrônicos propriedades que induziriam à análise “errônea” por parte da criança. Segundo Lightfoot (1979, 1991) e Roberts (1993), a mudança se dá de maneira gradual através de manifestações superficiais de alguma mudança em certa estrutura que, por sua vez, provocam uma reanálise diacrônica. O conjunto das reanálises diacrônicas ocorridas desencadeia a mudança de um certo parâmetro da gramática, e essa mudança paramétrica é, então, catastrófica¹.

¹ Roberts (1993), propõe, assim, três noções distintas dentro da teoria da mudança:

a) passos - são pequenas mudanças visíveis, construções que se tornam mais raras, estruturas que se tornam menos freqüentemente usadas, mas não totalmente eliminadas dos dados. O sistema gramatical ainda permite aquelas estruturas.

b) reanálise diacrônica - é a análise “errônea” de alguma estrutura: a criança atribui uma estrutura diferente, mas não incompatível, para uma dada estrutura.

Uma mudança paramétrica, portanto, envolve outras mudanças que ocorrem simultaneamente, ou quase simultaneamente. Uma única reanálise não implicaria na mudança de um parâmetro, mas poderia contribuir para tal, pois ocasiona a ocorrência de novas construções, removendo evidências que levariam à fixação de um parâmetro de um certo modo. A reanálise diacrônica, portanto, reduz a frequência de certos tipos de construções nos dados, o que muda a experiência detonadora para a criança ("triggering experience", Lightfoot, 1991).

Os dados da experiência detonadora devem ser, portanto, do tipo que qualquer criança ouve frequentemente. Assim, devem ser "robustos": salientes e frequentes (Lightfoot, 1991).

Lightfoot (1991) ainda propõe que dois tipos de fatores podem contribuir para a mudança sintática:

- fatores internos, da própria gramática, gerando mudanças determinadas por propriedades do genótipo mental, e
- fatores externos, como fatores sociais (por exemplo, empréstimos, etc.). O autor faz importantes considerações sobre o papel das causas externas na mudança lingüística: muitas mudanças são devidas a mudanças ambientais, e não resultam de um processo de aquisição geneticamente determinado. Lightfoot afirma que essas mudanças são introduzidas através do contato com outras línguas e dialetos ou introduzidas na linguagem por razões de estilo, moda, gíria. (Lightfoot, 1991:169)

Portanto, certas mudanças podem ter como causa coadjuvante, fatores externos, por mudar os dados a que a criança terá acesso. A gramática gerativa estaria interessada nas causas internas da mudança, e fatores externos, fatores que atuam nas situações reais de uso da língua, deveriam ser abstraídos.

Porém, conforme aponta Ramos (1992:7), essa exigência de abstração do social não é bem atendida quando se faz lingüística histórica, pois:

seria necessário assumir que uma criança em fase de aquisição dispusesse de algum recurso que a tornasse capaz de distinguir entre resíduos provenientes de mudanças acidentais [devidas a fatores externos], e resíduos provenientes de mudanças gramaticais, já que apenas os resíduos do segundo tipo teriam, segundo Lightfoot, uma importância central em GG [Gramática Gerativa].

Adams (1987:223) também assinala que fatores externos preparam as condições para a mudança, embora não sejam conseqüências da teoria da gramática. Mas na medida em que os aprendizes da língua somente conhecem o que ouve, as características da língua que seriam consideradas periféricas, ou superficiais, pela teoria da gramática, podem ser entendidas e assimiladas pelo aprendiz como propriedades gramaticais. O falante incorpora o que interpreta como sendo gramatical, independentemente da natureza da fonte de uma inovação.

Portanto, uma questão interessante no estudo da mudança diacrônica é a questão do "cue". Que estrutura nos dados do input ocasiona a reanálise por parte da criança?

Diversas propostas têm surgido.

c) mudança paramétrica - ocorrerá através de reanálises diacrônicas, interagindo com elas, e provocando a refixação do valor de um determinado parâmetro da língua.

Lightfoot (1996) argumenta que mudanças internas à gramática alterariam a experiência para a criança acrescentando ou diminuindo a ocorrência de dados que seriam robustos para uma determinada análise. Por sua vez esse acréscimo ou falta de dados robustos seriam detonadores de mudanças gramaticais. Por exemplo, Lightfoot propõe nesse trabalho que a perda de movimento de V para I em inglês ocorre com a falta de dados robustos para a criança de que há esse tal movimento. Lightfoot parte da hipótese de que por default exista uma operação morfológica (e não sintática) de abaixamento da flexão, que sempre está disponível para a criança e não requer uma experiência detonadora particular.

No entanto, mais recentemente, Lightfoot (1999), assumindo que a GU é geneticamente programada e permanece constante, explicita que uma razão pela qual parâmetros podem mudar através da aquisição é que fatores externos à sintaxe indiretamente efetuam mudanças em certos aspectos da experiência "detonadora". Lightfoot menciona, nesse caso, uma mudança na frequência da ocorrência de uma construção em particular que serve de "dica" (*cue*) para a aquisição de um certo valor de um parâmetro.

Para Lightfoot, esse modelo baseado em "dicas" é uma melhor explicação do problema lógico da mudança (cf. Kaiser, 2000) pois proporciona uma interface entre as mudanças paramétricas e as mudanças nas frequências de uso que surgem a partir de fatores socio-históricos e externos à sintaxe. Esses fatores se combinam e fazem com que algumas dicas em particular sejam subrepresentadas nos dados lingüísticos primários (PLD). Essas frequências podem atingir um limiar ("threshold") e se tornam as catalisadoras para a mudança paramétrica.

Já Roberts (1999) investiga a questão da marcação ("markedness") em relação à fixação de parâmetro. Para o autor, a fixação não-marcada de parâmetros corresponderia à marcação "fraca", no sentido de que não induziria à ocorrência de movimento sintático. A razão para isso seria que, segundo Roberts, traços fortes corresponderiam a uma estrutura marcada pois estaria relacionada a movimento e "uma estrutura envolvendo movimento é mais complexa para o aprendiz do que uma estrutura não envolvendo movimento" (Roberts 1999:292, minha tradução). A partir disso, o autor relaciona a mudança lingüística à crioulização e aquisição da linguagem, considerando a primeira como o resultado da aquisição de língua em face de "gatilhos degenerados, ou seja, considerando o "pidgin" como esse tipo de PLD.

Indo mais além, Roberts ainda afirma que a mudança diacrônica, a refixação de parâmetros, teria a tendência de realizar-se em direção aos traços fracos. No caso da história do inglês, foi o que ocorreu, e, no caso do desenvolvimento do crioulo haitiano, também: em ambos os casos, há enfraquecimento da concordância e perda de movimento de V.

Tendo em vista o trabalho de Kroch & Taylor (1994), Weerman (1993) e Lightfoot (1999), Kaiser (2000) assume, mais radicalmente, que a mudança paramétrica está restrita a situações de contato ou de línguas ou de dialetos, ou seja, a situações em que os falantes de diferentes dialetos ou línguas que têm diferentes valores paramétricos, entram em contato e abrem a possibilidade de que as crianças sejam expostas a dados detonadores ambíguos que permite a elas que refixem parâmetros para diferentes valores. O autor examina a questão da ordem de palavras na história do francês, observando dialetos do francês antigo em relação ao franciano, ou seja o dialeto da Ilha-de-França (que mais tarde se tornou o francês padrão), pois argumenta que sendo essa mudança tão específica, somente esse tipo de evidência possibilitaria tal mudança. No entanto, estudando apenas quatro textos, sua

hipótese não é confirmada, o que o leva a estender sua base de dados, acrescentando que se esse não for o caso, a própria discussão sobre se a mudança na posição do verbo finito no francês é uma mudança paramétrica deve ser revista.

Lightfoot (no prelo: 2) afirma que “a mudança gramatical é contingente, dependente de detalhes do uso da língua (por exemplo, mudança na morfologia, mudança na distribuição de palavras e tipos de construção), contato linguístico, talvez até atitudes sociais e aquisição de segunda língua”.

Nesse trabalho, o autor reafirma sua posição de que, embora todos esses fatores estejam presentes para que a mudança possa ocorrer, é necessário focalizar a língua-I, detectar uma causa local para a emergência de uma nova gramática, ou seja, um conjunto diferente de dados linguísticos primários, sendo um modelo sincrônico o modelo explanatório.

Lightfoot apresenta dois estudos de caso. O primeiro diz respeito à mudança de categoria dos auxiliares do inglês – verbos lexicais passaram a modais pela perda de várias formas – argumento que Lightfoot usa para demonstrar que houve uma mudança no sistema cognitivo, abstrato. A causa dessa mudança foram duas: 1) os modais auxiliares se tornaram distintos morfologicamente – sem formas de passado; 2) essa nova realidade tornou opaca a distinção de Tempo que antes era transmitida pela morfologia (opacidade semântica).

O segundo estudo mostra os efeitos sintáticos da perda do sistema de Caso (morfológico) em inglês, que levou ao surgimento do genitivo com *of*. A conclusão do estudo quer mostrar que os princípios da GU somados às “dicas” (*cues*) que a criança tem no ambiente linguístico em que adquire uma língua podem levar à construção de novas gramáticas. As mudanças estruturais são consequência de causas locais.

2. O português brasileiro - enfraquecimento da concordância?

Nos últimos anos muitos estudos têm sido feitos investigando a mudança sintática ocorrida no português brasileiro. O projeto Para a História do Português Brasileiro, por exemplo, continua essa investigação, com o intuito de descrever e analisar mais profundamente, em vários níveis, a mudança ocorrida no PB.

Dentro da teoria gerativa, em suas recentes propostas para a mudança diacrônica, a questão do “cue” tem sido abordada freqüentemente para explicar a mudança sintática em várias línguas, como vimos acima.

Portanto, é interessante também considerar o português brasileiro tendo em vista essas propostas e questionar que estruturas estariam em jogo para detonar a mudança sintática ocorrida. Em outras palavras, que estrutura nos dados do input ocasionou uma reanálise por parte da criança em relação ao português brasileiro?

Muitos estudos sobre a mudança no português brasileiro têm focalizado a perda da morfologia flexional do verbo como um dos fatores que teriam desencadeado uma mudança sintática. Por exemplo, Cerqueira (1993) relaciona a mudança no sistema dos possessivos com a perda da diferenciação morfológica entre 2^a e 3^a pessoa. Pagotto (1993) atribui, igualmente, a mudança ocorrida na colocação pronominal no PB ao enfraquecimento da categoria Concordância.

Galves (1993) retoma as mudanças ocorridas no PB observadas por Tarallo (1983)², ou seja, o preenchimento do sujeito e o esvaziamento do objeto, e procura relacioná-las, propondo que uma mudança mais profunda ocorreu na estrutura da sentença do PB causada pelo enfraquecimento da concordância, ou seja, a mudança nas ocorrências observada por Tarallo estaria relacionada à alteração causada pela perda da morfologia flexional do verbo (que teria como conseqüência um enfraquecimento da concordância).

A questão, portanto, torna-se, dentro do quadro teórico acima: a redução no paradigma flexional do verbo (o enfraquecimento da concordância) pode ser considerada como a “cue” para a criança, ocasionando mudanças sintáticas ocorridas no PB?

Nesta apresentação, pretendo apresentar, à luz de pesquisas recentes e em andamento, o caso de duas mudanças ocorridas: preenchimento do sujeito e esvaziamento do objeto, e discutir se esse fato poderia ser considerado como “cue” dessas mudanças.

Em outras palavras: dentro da visão acerca da teoria de mudança sintática apresentada acima, a questão, portanto, é: a mudança na morfologia flexional do verbo seria uma “cue” que levaria à mudança no PB: preenchimento de sujeito e esvaziamento de objeto?

2.1. Sujeito preenchido

Para Duarte (2000), há uma forte relação entre a redução da morfologia flexional e o preenchimento do sujeito em PB. A autora mostra que a perda da diferenciação morfológica entre 2^a e 3^a pessoa, ou seja, a perda da morfologia flexional do verbo levou a essa mudança.

A autora retoma os estudos que têm relacionado a perda de propriedade de sujeito nulo com a redução no paradigma flexional do verbo, argumentando que em PB tal redução foi motivada por uma mudança no conjunto de sujeitos pronominais e não por processos fonológicos.

Assim, o paradigma que antes exibía seis formas de sufixos flexionais foi reduzido, no PB atual, a quatro ou três (para os mais jovens). Para a autora, a redução começou a partir da substituição da segunda pessoa TU e VÓS, por VOCÊ – uma forma de flexão para segunda pessoa passou a ser terceira pessoa. Além disso, o pronome NÓS foi substituído por A GENTE, que também requer flexão de terceira pessoa.

Baseada nos resultados de Duarte (1993), a autora mostra que a tendência a preencher a posição de sujeito pode ser relacionada ao empobrecimento da morfologia flexional dos verbos.

² Tarallo (1983) observa em seus dados diacrônicos do português brasileiro que há um crescente número de ocorrências com o sujeito preenchido e um crescente número de ocorrências de posições de objeto direto não lexicalmente preenchidas:

	sujeito preenchido	objeto direto preenchido
1725	23,3%	89,2%
1775	26,6%	96,2%
1825	16,4%	83,7%
1880	32,7%	60,2%
1981	79,4%	18,2%

No entanto, recentes estudos acerca do relacionamento do preenchimento do sujeito e da riqueza da morfologia também põem em questão o enfraquecimento do paradigma flexional do verbo como causa da mudança no PB acerca do sujeito nulo.

Negrão e Viotti (2000), baseadas em Negrão (1999) propõe que o PB é uma língua orientada para o discurso. Outros estudos (Figueiredo Silva, 1994 e Galves, 1993) propuseram o mesmo, mas argumentando que a causa da mudança do PB de uma língua orientada para a sentença para uma língua orientada para o discurso foi uma re-estruturação da sentença, que, por sua vez, foi causada pela redução da flexão verbal. Embora não discutam os fatores que possam ter levado o PB a essa mudança de parâmetro, Negrão & Viotti (1999), no entanto, argumentam que esse fato não pode ter ocorrido devido a uma redução da morfologia flexional do verbo, ou seja, mostram que o enfraquecimento da morfologia flexional no PB não pode ser correlacionado com o decréscimo no uso de sujeitos nulos. As autoras procuram mostrar que o fato de o PB ser uma língua voltada para o discurso e, portanto, a recuperação do conteúdo do sujeito nulo poder ser feita através da proeminência do discurso, levou à perda da morfologia flexional – ela se tornou irrelevante para essa recuperação e, portanto, desnecessária.

Como evidência para a irrelevância da morfologia flexional como fator de recuperação do conteúdo do sujeito nulo, Negrão (1999) e Negrão e Viotti (2000) se baseiam no trabalho de Negrão (1990), que apresenta resultados de sua análise de um corpus de 10 diálogos orais feitos por um grupo de 20 crianças de mais ou menos 11 anos (matriculadas na 5ª série de uma escola pública em S. Paulo). Embora esse estudo não seja diacrônico, seus resultados mostram que o aumento no uso de pronomes sujeito e decréscimo de sujeitos nulos não pode estar diretamente vinculado à “pobreza/fraqueza” do paradigma flexional dos verbos pois, aparentemente, não é a riqueza da morfologia flexional que será responsável pela referência. Mesmo sem marcadores morfológicos, a 3ª pessoa do singular teve basicamente a mesma distribuição quanto à ocorrência de sujeitos plenos (52.2%) e sujeitos nulos (47.7%) – o que indica que a referência e identificação da categoria nula em posição de sujeito são feitas através de outras estratégias e não através da morfologia flexional.

Portanto, a questão acerca da relevância da morfologia flexional como “cue” para ter levado a uma mudança em relação ao preenchimento do sujeito necessita de outros estudos. A questão é determinar quão relevante é a morfologia flexional para determinar o preenchimento ou não da posição de sujeito. Essa questão já foi levantada em relação à formulação do parâmetro Pro-drop (i.e., a questão de o que se “qualifica” como “riqueza morfológica” a ponto de identificar o sujeito nulo), e ainda necessita de uma formulação mais precisa, para que se possam detectar nos dados diacrônicos do PB qual é a “cue” para levar a criança a preencher uma posição que antes poderia ser nula.

Os resultados que apresento a seguir também questionam o papel da morfologia flexional como estando diretamente relacionada ao surgimento do objeto nulo.

2.2. O objeto nulo

Há várias propostas na literatura para explicar o estatuto teórico do objeto nulo no PB atual (Farrell (1990), Galves (1989a,b), Kato (1993) Bianchi & Figueiredo (1994), Barra Ferreira (2000), entre outros.) As propostas variam entre considerar um pronome nulo, ou uma variável deixada pelo movimento de uma categoria.

Tendo em vista o seu surgimento, no entanto, através de um estudo diacrônico, Cyrino (1994/1997) propõe que o objeto nulo é um tipo de elipse, e o licenciamento desses elementos se faz via uma categoria funcional preenchida por uma categoria lexical, ou seja, no caso, V em I. Não há, nesse trabalho, uma relação entre a redução da morfologia flexional e a existência de objetos nulos.

Conforme vimos acima, no entanto, Galves (1993), por exemplo, propõe que a existência de objetos nulos no PB atual seria a consequência de um enfraquecimento da morfologia flexional que teria levado a uma mudança na estrutura do PB. “O enfraquecimento da flexão tem, portanto como efeito uma reorganização da oração, em que o sujeito, no sentido tradicional do termo, se encontra numa posição mais baixa que numa língua de concordância forte. Com efeito, o verbo encontra em T todos os seus elementos flexionais, não tendo mais nenhuma razão de subir para AGR...” (Galves, 1983:398)

Tradicionalmente, o enfraquecimento da morfologia flexional tem sido relacionado à perda de movimento de V a I (cf. Lightfoot, 1999, no prelo; Roberts, 1999).

De fato, Roberts (1999) mostra que dois fenômenos, perda de marcação morfológica de concordância flexional e perda do "gatilho" para o movimento de V (i.e. riqueza de AGR) têm sido relacionados na história do inglês, das línguas escandinavas (Platzack, 1987), do dinamarquês (Roberts, 1993), do islandês e de alguns dialetos do sueco (Platzack 1987; Platzack & Holmbeg, 1989).

Em PB, embora possamos constatar diacronicamente uma redução da morfologia flexional (cf. Duarte, 1993), houve a perda de movimento de V a I? A resposta parece ser negativa, tendo em vista, entre outras evidências, os resultados acerca do fenômeno de elipse de VP em PB comparado com PE (cf. Cyrino & Matos, 2002) – a mudança pode ter sido no posicionamento de V dentro de I, considerando a hipótese do I desmembrado³, mas, como veremos abaixo, ainda há movimento de V em PB.

A *Elipse do VP* é caracterizada como um fenômeno que ocorre prototipicamente em inglês, em exemplos como (1), em que o verbo principal e os seus complementos ou adjuntos são o alvo da elipse (cf. (1a)-(1d))⁴.

- (1) a. John loves Mary, and Peter does [-], too
[-]= love Mary (Sag, 1980:10)
- b. Sandy should go to Boston, and Betsy should [-], too.
[-]= go to Boston (Sag, 1980:11)
- c. Paul apologized, but Bob won't have [-]
[-]=apologized (Sag, 1980:17)
- d. Betsy wanted to go home, but Peter didn't want to [-].

³ Considerando a caracterização padrão da elipse de VP, Cyrino & Matos (2002) argumentam que a especificidade do inglês em relação ao português está na inter-relação das propriedades das projeções funcionais em IP e a “leveza” dos verbos auxiliares em inglês (ASSUMINDO vP).

Ao comparar as seqüências verbais do PB e do PE, no entanto, Cyrino & Matos detectam que o uso “mais generalizado” da elipse no PB é devido a um aumento na “força” (TRAÇOS FORTES) dos traços de V das categorias funcionais da sentença, o que pode ser co-relacionado com a perda de movimento de V de “longa distância”. Em PB o V se moveria até ASP.

⁴ A elipse pode, no caso do verbo cópula *be*, restringir-se ao núcleo da oração pequena selecionada pelo verbo, como em. (i).

(i) Harry seems upset, but Bill doesn't seem to be [-]
[-]= upset. (Sag, 1980:20)

[-]= go home

(Sag 1980: 12)

O contraste entre (1) e (2), sugere que o fator determinante para a existência de *Elipse do VP* é a possibilidade de um verbo ou de um indicador da morfologia verbal (como *to* em (1d)) instanciar o núcleo da projeção funcional que seleciona o VP elíptico. Os verbos auxiliares e *be* copulativo estão em I neste caso, um verbo como *seem* em (2) ou outros verbos principais não estão (cf. Pollock 1989, Chomsky 1995).

(2)*Harry seems (to be) upset, but Bill doesn't seem [-]

[-]= upset.

(Sag, 1980:20)

As frases em (3) e (4) mostram que tanto o PE como o PB possuem a construção de *Elipse do VP* prototípica, licenciada pela presença de verbos auxiliares e copulativos.

(3) a. Nenhum de nós tinha votado nesse candidato nem admitíamos que alguém *tivesse* [-]. (PE)

[-]= votado nesse candidato.

b. A: Alguém tem telefonado ao Pedro regularmente?

B: *Tem* a Ana [-] / A Ana *tem* [-].

[-] = telefonado ao Pedro regularmente

c. Quanto às últimas aquisições bibliográficas, podemos dizer que as revistas ainda não foram catalogadas, mas há livros que já *foram* [-].

[-] = catalogados

d. Eles estão preocupados e nós também *estamos* [-].

[-] = preocupados.

(4) a. Ela está enviando o livro para a editora e ele também *está* [-]. (PB)

[-] = enviando o livro para a editora.

b.— Eu já pude constatar que você é uma avó muito coruja.

— Mas tenho que *ser* [-], a minha neta é lindérrima.

(V. Loyola. Entrevista Benedita da Silva. *Domingo*, nº199, 25/ABR/1999)

[-]= uma avó muito coruja.

Porém, a existência de subida generalizada do verbo em português, em ambas as variedades (cf. Pollock 1989, Belletti 1990) permite casos de *Elipse do VP* identificados por verbos principais distintos dos verbos de cópula (cf. Raposo 1986, Matos 1992, Kato 1993, Cyrino 1994/1997, Martins 1994), diferentemente do que ocorre no inglês. As frases em (5) e (6) ilustram esta propriedade. Nestes exemplos, na explicitação do conteúdo da elipse, *[t]* está garantida pela cópia do verbo.

(5) A Ana trouxe o computador para a Faculdade hoje e a Paula também *trouxe* [-].

[-] = [t] o computador para a Faculdade hoje

(6) A: Escute, senhor Magnussen, esse seu Fernando Enríquez....

B: ...Henrique.

A: ...OK, Henrique, não tomou posse em Janeiro?

B: Tomou [-] sim, porquê?

[-]= [t] posse em Janeiro
(Fritz Utzeri, Det ar Logn. *Jornal do Brasil* 6/9/99)

A existência da elipse de VP, portanto, tem sido relacionada à existência de algum material fonético em I, que possa licenciá-la. No português é o movimento de V a I que preenche essa exigência. Portanto, embora a morfologia flexional tenha enfraquecido no PB, deve haver um movimento de V a I em PB, devido à existência de elipse de VP (e de objetos nulos, cf. Cyrino 1994/1997, nessa língua).

Portanto, os dados do PB mostram que não se pode vincular o enfraquecimento da morfologia flexional à perda de movimento de V a I, como é feito em alguns trabalhos acerca da mudança diacrônica no inglês.

Da mesma forma, o Roberts(1999) observa que uma ligação entre os dois fenômenos não pode ser mantida. Por exemplo, existe movimento de V a I nos infinitivos em italiano, mas não em francês (Roberts 1999:291), mas nenhuma dessas línguas tem infinitivo flexionado:

- (7) a. *Ne lire pas le livre.
b. Ne pas lire le livre.
c. Non leggere più il libro.
d. *Non più leggere il libro.

Além disso, há certas línguas que têm movimento de V, mas não têm a morfologia relevante, como, por exemplo, o holandês e o africaner, o inglês do norte da Inglaterra e da Escócia do século XIV, e o sueco.

Uma outra consideração é a diferença entre as épocas em que essas perdas, a perda da morfologia flexional e a perda do movimento de V a I, ocorreram no inglês e no dinamarquês, uma diferença de alguns anos na primeira língua e de séculos na segunda.

Roberts argumenta que a relação entre os dois fenômenos deve ser unívoca: se há marcação morfológica da concordância verbal relevante, então I tem um traço forte e detona o movimento de V a I. A consequência é que a perda da morfologia flexional não é suficiente para a perda do movimento de V a I, é só uma condição necessária para essa perda ocorrer.

Portanto, a perda da morfologia flexional no PB não foi suficiente para a perda de movimento de V a I – conseqüentemente, se levarmos em conta os resultados em Cyrino (1994/1997) que evidenciam que o objeto nulo é um tipo de elipse, dependente do movimento de V a I para seu licenciamento, não podemos dizer que a dica para o objeto nulo tenha sido o enfraquecimento da morfologia flexional, já que o objeto nulo, como a elipse de VP, depende da existência de movimento de verbo, e não da riqueza da morfologia flexional. A solução é assumir que o enfraquecimento da morfologia flexional não é suficiente para a perda de movimento de V a I, e, portanto, não está necessariamente vinculado à possibilidade de (licenciamento) de objetos nulos.

Se a perda da morfologia flexional não está necessariamente ligada ao aparecimento do objeto nulo, isto é, se não pode ser considerada uma “cue”, já que o fator necessário para a ocorrência de objetos nulos é seu licenciamento, qual poderia ser a “cue” para a mudança sintática?

Em uma pesquisa em andamento (Cyrino, projeto 2003) retomo a questão do aparecimento do objeto nulo em PB estar ligado ao desaparecimento da elipse

“proposicional” (já que objeto nulo e elipse são fenômenos semelhantes em PB), ou seja à elipse do pronome clítico neutro “o” proposicional. O ponto sendo pesquisado é a relação entre essa elipse, o objeto nulo e a chamada Anáfora do Complemento Nulo.

A Anáfora do Complemento Nulo (doravante, NCA, de “Null Complement Anaphora”) é um fenômeno que ocorre em algumas línguas como o espanhol, o italiano e o inglês, e, segundo os autores que a estudaram (Zubizarreta, 1982, Radford 1977, Bosque 1984, entre outros -apud Depiante 2000; Brucart 1999), ocorre com alguns verbos, de reestruturação ou não, sempre deixando elíptica uma oração infinitiva, cujo conteúdo está presente no contexto anterior, como mostram os exemplos (Brucart 1999: 2838):

- (8) a. Luis fue al acto; María, en cambio, no pudo ____.
 b. Le pedí a mi madre ir a la excursión, pero no me dejó ____.
 c. La invitaron a visitar la exposición y rehusó ____.
 d. Le gusta bailar el charlestón, pero su marido no sabe ____.
 e. Empezó a escribir aquella novela, per nunca acabó ____.

Porém, Bosque (1984, apud Brucart, 1999) assinala que, em espanhol, os predicados que admitem a NCA são os mesmos que aceitam a elipse de um objeto direto oracional em orações encaixadas introduzidas por *cuando*, *si*, *como*, *donde* ou *porque* (Brucart 1999: 2839):

- (9) a. El chico estudia porque su madre quiere ____ . [____ = que estudie] (Bosque, 1984:176).
 b. Vendrá si puede ____ . [____ = venir]
 c. No tiene tantos años como parece ____ . [____ = tener]
 d. Iremos donde tú nos digas ____ . [____ = que vayamos]
 e. Iremos cuando a ti te parezca bien ____ . [____ = que vayamos]

Assim, em espanhol, em alguns casos, a entidade elidida não equivale a uma oração infinitiva, mas a uma subordinada com o verbo flexionado.

No entanto, Brucart (1999) afirma que, em espanhol, o modo mais confiável de se predizer se um predicado seleciona NCA é vendo se é possível que ele tome a forma nula da pro-forma (pronome clítico) “lo”. Sua generalização é que um predicado que seleciona NCA não costuma permitir que seu objeto proposicional seja representado pelo pronome clítico *lo*.

Depiante (2000), baseada em Bosque (1984) e Brucart (1999), mostra que o fenômeno de Anáfora do Complemento Nulo é selecionado por certos verbos (em espanhol e inglês): modais (*deber*, *poder*, *querer*, *should*, *could*, *want to*), aspectuais (*acabar de*, *comezar a*, *empezar a*, *soler*, *terminar de*) e verbos que expressam predisposição, atitude ou propósito (*aceptar*, *aprender a*, *dudar de*, *rehusar*, *renunciar a*, *saber*, *estar*, *refuse*, *approve*, *volunteer*). Brucart (1999) acrescenta verbos causativos que expressem permissão, colaboração ou influência sobre a atitude de outros (*autorizar*, *ayudar a*, *dejar*, *incitar a*, *invitar a*, *obligar a*, entre outros) e verbos pronominais (*absternese de*, *decidirse a*, *enfadarse por*, *negarse a*, *olvidarse de*, *quejarse de*, e outros, cf. Brucart 1999: 2839).

Em português, não há, que eu saiba, nenhum estudo detalhado da ocorrência da Anáfora do Complemento Nulo, com exceção de algumas características apontadas em Matos & Cyrino (2001) e Cyrino & Matos (2002). Como não temos mais o clítico neutro

“o”, não temos como destacar os casos de NCA, já que não podem ser comparados com a presença/ausência do clítico.

No entanto, se o objeto nulo surgiu a partir da possibilidade da Anáfora do Complemento Nulo em português, é possível que a mudança ocorrida tenha a ver com a seleção dos verbos que não eram NCA, e que passaram a permitir a elipse do clítico neutro “o”. Essa é uma hipótese em estudo, que indicaria que a “cue” para a criança seria a possibilidade de objetos nulos seria a ocorrência de verbos sem o clítico proposicional “o” – todos os outros verbos passariam a permitir a ausência do clítico complemento⁵, pois a lacuna estaria licenciada. Esse seria um resultado desejável se levarmos em conta que muitas mudanças ocorrem dessa forma: trata-se de uma mudança lexical, no caso mudança de um tipo de verbo para outro tipo de verbo. A “cue”, dica⁶ estrutural ouvida pela criança, a qual indicaria essa mudança de categoria, seriam os verbos NCA.

As dicas para as crianças devem constituir-se de muitas sentenças simples, para serem expressas robustamente. No caso de NCA, muitas são as estruturas que podem ocorrer: verbos modais, aspectuais, etc... ocorrendo sem o clítico “o” são a dica que a criança ouve acerca da possibilidade de objetos nulos na língua⁷.

Conclusão

Em conclusão, o trabalho pretendeu mostrar que, em um primeiro momento, pensou-se que a “cue” para a mudança sintática no PB poderia ter sido a redução no paradigma flexional da língua, que teria levado a uma alteração no paradigma pronominal do PB ou a uma reestruturação da sentença, o que teria servido como dica para a criança da possibilidade de sujeitos preenchidos e objetos nulos.

No entanto, é possível que haja questionamentos acerca da relevância da perda das marcas flexionais do verbo (enfraquecimento da concordância) como fator detonador da mudança paramétrica no PB. Portanto, a investigação precisa progredir no sentido de detectar qual é exatamente a alteração na experiência lingüística que a criança teve acesso, a qual teria levado à mudança sintática no PB observada nos dados diacrônicos. Em outras palavras, é preciso determinar quais dicas (‘cues’) teve a criança, incluindo fatores internos e externos, que ocasionaram as mudanças detectadas.

Em relação a fatores internos, sabemos que houve uma mudança no PB em relação à riqueza morfológica flexional do verbo. Mas fica ainda por ser demonstrado se essa redução pode ser considerada uma “cue” para a criança, que a leve a preencher sujeitos e esvaziar objetos no PB. Em relação ao sujeito preenchido, dado o trabalho de Viotti & Negrão (2000) é preciso uma pesquisa que investigue a alteração do parâmetro de “orientação” da língua. Em relação ao objeto nulo, em Cyrino (2003) pretendo investigar outras “cues” que a criança poderia ter encontrado e que a tenha levado ao objeto nulo.

A questão das causas externas, está longe de ser resolvida, mas seu estudo é importante visto que podem determinar que experiência detonadora a criança pode ter tido. Em relação história externa do PB, essas questões estão sendo atualmente debatidas.

⁵ No caso seria licenciada pois V estaria em Asp, segundo proposta de Cyrino & Matos (2002) para o PB - verbos NCA são normalmente modais e aspectuais, como vimos acima

⁶ “Cues”, dicas, como vimos, são elementos da estrutura derivados do que a criança ouve.

⁷ A mudança anterior seria, obviamente, a possibilidade de V em Asp para licenciar a lacuna. Essa mudança é estudada em separado no projeto em andamento.

Segundo Luchesi (2001:100) a constituição histórico-social se fez em pelo menos dois pólos:

- a) o pólo das camadas médias e altas da sociedade brasileira, com um comportamento lingüístico conservador da bastante reduzida elite colonial, com padrões lingüísticos e culturais da Metrópole.
- b) o pólo das camadas populares, desde os primeiros séculos com drásticas transformações lingüísticas decorrentes do extenso, massivo e profundo contato do português com as línguas africanas e indígenas.

Assim sendo, o português, no Brasil, foi aprendido em condições sociais muito precárias, tanto em termos sociais, quanto em termos de "robustez" de dados, no sentido de Lightfoot (1991).

Sabemos que a interação dos estratos sociais dos falantes do português, com as variedades do próprio português (europeu e brasileiro), com os falantes negros e índios integrados ainda é uma questão aberta à pesquisa e debate para se chegar a uma conclusão acerca da história lingüística brasileira.

Como mostrado em Castilho (2000), para se compreender o processo pelo qual o português se tornou a língua hegemônica no Brasil, dada a variedade e diversidade lingüística existente nos primeiros séculos (cf. Luchesi, 2001), é preciso estudar os elementos de formação demográfica brasileira e sua relação coma língua, estudos esses já iniciados nos últimos anos, inclusive sendo alvo de uma das vertentes do projeto Para a História do Português Brasileiro, iniciado em 1997 e sob a coordenação de Ataliba de Castilho (cf. Castilho, 1998).

É preciso observar, portanto, que tantos séculos de situação bilíngüe patente no território brasileiro podem ter contribuído, como fator externo, para, no mínimo, certas mudanças sintáticas ocorrerem na língua. A questão não pode ser deixada de lado nos estudos sobre a mudança sintática no PB, tendo em vista a observação em Lightfoot (no prelo) de que: “a mudança gramatical está ligada a mudanças na fala das pessoas, e somente podemos saber acerca dela estudando o que as pessoas falam, freqüentemente através de textos escritos, e ela deve ser estudada em conjunto com outros tipos de mudança” (p.2). Por “outros tipos de mudança”, Lightfoot refere-se às próprias mudanças contingentes, cujo estudo é complementar à pesquisa por princípios organizacionais gerais da GU, e, portanto, “a esse respeito, o estudo da mudança da gramática está unido ao trabalho sobre variação e aquisição de gramáticas” (p.1).

Nesse sentido, o Projeto Para a História do Português Brasileiro pode trazer contribuições, já que atua em três vertentes: a) constituição de corpora; b) mudança gramatical; c) história social.

Referências

- Adams, M. (1987) Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena tese de doutorado, UCLA.
- Belletti, A. (1990) Generalized Verb Movement. Torino: Rosenberg & Sellier.
- Barra Ferreira, M. (2000) Argumentos nulos em português brasileiro dissertação de Mestrado, UNICAMP, Brasil.

- Bianchi, V. & Figueiredo, M.C. (1994) "On some properties of agreement-object in Italian and Brazilian Portuguese" em: M. Mazzola (org.) Issues and theory in Romance linguistics Washington, DC, Georgetown University Press.
- Bosque, I (1984) "Negación y ellipsis" *Estudios de Linguística* 2: 171-199.
- Brucart, J.M. (1999) "La ellipsis" em: I. Bosque & V. Demonte (orgs.) Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid, Espasa Calpe.
- Castilho, A. T.(1998) (org.) Para a história do português brasileiro vol I, São Paulo: Humanitas.
- Castilho, A. T.(2000): "Para a história do português de São Paulo" *Revista portuguesa de filologia* XXIII : 29-70.
- Cerqueira, V.C. (1993) "A forma genitiva 'dele' e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro" em: I. Roberts & M. Kato (orgs.) Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica, Campinas, Editora da UNICAMP.
- Chomsky, N. (1986) Knowledge of language: its nature, origin and use New York, Praeger.
- Chomsky, N. (1995) The Minimalist Program Cambridge, MIT Press.
- Cyrino, S.M.L. (1994, 1997) O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico. Londrina, Editora da UEL.
- Cyrino, S.M.L. (2003) "Para a história do português brasileiro: investigando a Anáfora do Complemento Nulo, a categoria Aspecto e o Objeto Nulo no português brasileiro" projeto de pesquisa submetido ao CNPq.
- Cyrino, S.M.L. & Matos, M.G.A. (2002) "Syntactic microvariation in VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese" trabalho apresentado no 25 GLOW Colloquium, April 9-11. Meertens Institut, Amsterdam, Holanda.
- Depiante, M. (2000) The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis tese de doutorado, University of Connecticut.
- Duarte, M.E.L. (1993) "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil" em: I. Roberts & M. Kato (orgs.) Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica, Campinas, Editora da UNICAMP.
- Duarte, M.E.L. (2000) "The loss of the 'Avoid Pronoun' principle in Brazilian Portuguese" em: M. Kato & E. Negrão (orgs.) Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter Frankfurt am Main, Vervuert.
- Farrell, P. (1990) "Null objects in Brazilian Portuguese" *The linguistic review* 8: 325-346.
- Figueiredo Silva, M.C. (1994) La position de sujet en portugais brésilien tese de doutorado, Université de Genève. Publicada em português (Editora da UNICAMP), 1996.
- Galves, C. (1989a) "O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de uma Pesquisa", *Cadernos de Estudos Linguísticos* 17: 65-90.
- Galves, C. (1989b) "Objet Nul et Structure de la Proposition en Portugais Brésilien" *Revue des Langues Romanes* 93: 305-336.
- Galves, C. (1993) "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro" em: I. Roberts & M. Kato (orgs.) Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica, Campinas, Editora da UNICAMP.
- Kaiser, G. (2000) "Dialect contact and language change - a case study on word-order change in French" *Arbeiten zur Mehrsprachigkeit* folge B, n. 3, Universität Hamburg.
- Lightfoot, D. (1979) Principles of Diachronic Syntax Cambridge: CUP.

- Kato, M. (1993) "The distribution of pronouns and nul elements in object position in Brazilian Portuguese" em: W. Ashby, M.M.G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.) Linguistic perspectives on the romance languages Amsterdam, John Benjamins.
- Kroch, A. & Taylor, A. (1994) "Verb movement in Old and Middle English: dialect variation and language contact", ms., <http://www.ling.upenn.edu/~kroch/omev2.html>.
- Lightfoot, D. (1991) How to set Parameters: Arguments from Language Change Cambridge: MIT Press.
- Lightfoot, D. (1996) "Shifting triggers and diachronic reanalyses" *University of Maryland Working Papers in Linguistics* 2:110-135.
- Lightfoot, D. (1999) "Creoles and cues" em: M. de Graff (org.) Language creation and language change Cambridge, MIT Press.
- Lightfoot, D. (no prelo) "Cuing a new grammar" em: A. van Kemenade & B. Los (orgs.) Handbook on the history of English Oxford, Blackwell.
- Luchesi, D. (2001) "As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000)" *D.E.L.T.A.* 17, págs. 97-130.
- Martins, A. M. (1994) Quantificadores e Clíticos em Português Europeu tese de doutorado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Matos, G. & Cyrino, S. (2001) *Elipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. II Encontro Internacional da ABRALIN*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- Matos, M.G.A. (1992) Construções de elipse de predicado em português - SV nulo e despojamento tese de doutorado, Universidade de Lisboa.
- Modesto, M. (2000) "Null subjects without 'rich' agreement" em: M. Kato & E. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* Frankfurt am Main, Vervuert.
- Negrão (1990) "A distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças da escola pública" FAPESP/USP, ms.
- Negrão, E. (1999) O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso tese de livre-docência, USP.
- Negrão, E. & E. Viotti (2000) "Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language" em: M. Kato & E. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* Frankfurt am Main, Vervuert.
- Pagotto, E. (1993) "Clíticos, mudança e seleção natural" em: I. Roberts & M. Kato (orgs.) Português brasileiro - uma viagem diacrônica Campinas, Editora da UNICAMP, p. 185-206.
- Platzack, C. (1987) "The Scandinavian languages and the null-subject parameter" *Natural Language and Linguistic Theory* 5: 377-401.
- Platzack, C. & A. Holmberg (1989) "The role of AGR and finiteness" *Working papers in Scandinavian syntax* 43: 51-76.
- Pollock, J-Y. (1989) "Verb-Movement, UG and the Structure of IP" *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- Raposo, E. (1986) "On the null object in European Portuguese" em: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (orgs.) Studies in romance languages Dordrecht, Foris.
- Radford, A. (1977) Italian syntax: transformational and relational grammar Cambridge, Cambridge University Press.
- Ramos, J. (1992) Marcação de caso e mudança sintática no Português do Brasil tese de doutorado, UNICAMP.

- Roberts, I. (1993) Verbs and Diachronic Syntax Dordrecht: Kluwer.
- Roberts, I. (1999) "Verb movement and markedness" em: M. de Graff (org.) Language creation and language change Cambridge, MIT Press, p. 287-327.
- Roberts, I. & M. Kato (1993) (orgs.) Português brasileiro - uma viagem diacrônica Campinas, Editora da UNICAMP.
- Tarallo, F. (1983) Relativization Strategies in Brazilian Portuguese tese de doutorado, University of Pennsylvania, EUA.
- Weerman, F. (1993) "The diachronic consequences of first and second language acquisition: the change from OV to VO" *Linguistics* 31: 901-931.
- Zubizarreta, M-L. (1982) On the relationship of the lexicon to syntax. Tese de doutorado. MIT.